

**A construção da identidade em
Moana, Malévola e Bela e a
jornada do herói (ou Mito da
Aventura) no desenvolvimento das
narrativas**

Ensaio literário

Quem sou eu?

Júlia Carvalho

“No início havia só o oceano até que a ilha mãe emergiu... Te Fiti. Seu coração tinha o maior de todos os poderes: o poder de criar a vida!” (Narradora)

A avó de Moana contava para as crianças da ilha a história sobre Maui, o semideus da água e do ar que, ganancioso pelo poder da criação, roubara o coração de Te Fiti. Desde então, a ilha mãe começou a morrer. Porém, a avó Tala afirmava que um dia alguém resgatará o coração das mãos de Maui e o devolverá a Te Fiti, e parte da ilha que já morreu voltará a viver.

Moana é uma garota que cresceu ouvindo histórias da avó, a narrativa do filme nos remete a propósitos e identidade. A identidade diz sobre quem somos, já os propósitos dizem sobre o que nascemos para fazer. As histórias que ouvimos na infância colaboram para a formação dos nossos princípios e visões de mundo. Nas crianças auxiliam na forma como vão resolver suas questões e conflitos (BETTELHEIM, 2002).

Sua avó contava que, ao roubar o coração de Te Fiti, Maui teve que enfrentar Te Ká, um demônio de lava que almejava ter tê-lo também e, nessa luta, tanto o coração como o anzol que dava a Maui o poder de ser transmorfo (podia se transformar em outros animais) se perderam no mar. A avó, vista por muitos como louca, mais tarde tornar-se-ia a mentora de Moana. Enquanto para outras crianças ouvir aquilo era amedrontador, a neta de Tala era fascinada pela história.

Todos temos um propósito, algo que poderá nos levar a traçar a nossa jornada do herói e que já faz parte de nós. Além do fascínio pela história, a garota já era atraída pelo mar desde muito pequena. Um dia, o oceano entregou a ela o coração de Te Fiti. Tem gente que não acredita em destino. Tem gente que acredita que todos os nossos dias já foram determinados e vivemos a cada segundo apenas aquilo que já tínhamos mesmo que viver. Existe uma razão para estarmos aqui. E podemos escolher viver ou não essa razão, esse propósito.

Esse propósito é nossa missão heroica. Para algumas pessoas, isso poderá estar ligado a sua profissão. Para outras, poderá estar ligado a diferentes auxílios que você oferece ao outro ao longo da vida. Para ainda outras, poderá ser algo que você faz cotidianamente, mas que sabe que precisa fazer e não desiste. Na maioria das vezes, não vem acompanhado de fama, sucesso ou dinheiro. Mas de satisfação pessoal.



O mar entrega o coração de Te Fiti a Moana - *Frame* do filme *Moana - um mar de aventuras*

O pai de Moana, chefe da tribo, preocupado e observando o anseio da menina pelo mar, passou a tentar mostrar a ela que seu destino era ser sua sucessora e cuidar de seu povo. Ele mostrou o quanto a ilha de Motunui era bela, o quanto ali tinha tudo o que precisavam para viver e o quanto todos eram felizes lá. A identidade cultural era nítida, por conta da identificação do povo com o ambiente, com os alimentos e uns com os outros.

Apesar dos esforços do pai de tentar fazer com que a filha se encaixasse ali, ela sabia que mesmo amando tudo que lhe fora apresentado, havia algo mais para ela, algo além da ilha.

Certo dia, o povo percebeu que a escassez de alimentos havia chegado. O Chefe Tui, pai de Moana, não acatou as sugestões da jovem de buscar peixes para além dos corais. A mãe, percebendo a chateação da filha, contou a ela que ele era firme assim em não permitir, porque um dia teve os mesmos anseios.

Aqui sempre, sempre à beira da água

Desde quando eu me lembro

Não consigo explicar

Tento não causar nenhuma mágoa

Mas sempre volto pra água

Mas não posso evitar

Tento obedecer, não olhar pra trás
Sigo meu dever, não questiono mais
Mas pra onde vou, quando vejo, estou onde eu sempre quis

O horizonte me pede pra ir tão longe
Será que eu vou?
Ninguém tentou
Se as ondas se abrirem pra mim de verdade
Com o vento eu vou
Se eu for, não sei ao certo quão longe eu vou

Eu sou moradora dessa ilha
Todos vivem bem na ilha
Tudo tem o seu lugar
Sei que cada cidadão da ilha
Tem função nessa ilha
Talvez seja melhor tentar

Posso liderar o meu povo então
E desempenhar essa tal missão
Mas não sei calar o meu coração
Por que sou assim?

Essa luz que do mar bate em mim me invade
Será que eu vou?
Ninguém tentou
E parece que a luz chama por mim e já sabe
Que um dia eu vou
Vou atravessar para além do mar

O horizonte me pede pra ir tão longe
Será que eu vou?
Ninguém tentou
Se as ondas abrirem pra mim de verdade

Um dia eu vou saber quem sou

A canção mostra que por mais que quisesse corresponder às expectativas de seu pai, sua missão falava mais alto dentro de si, era sobre quem Moana era, sobre sua identidade. Segundo Campbell (1949), o Chamado da Aventura surge a partir de uma crise - no caso de Moana, a escassez na ilha. Esse momento é acompanhado pelo que o autor chama de “o despertar do eu”. Para alguns pode ser um erro, uma crise, assim como para outros pode ser apenas o enfrentamento de uma fase nova, como, por exemplo, o início da adolescência, da idade adulta ou até mesmo a maternidade. Surgirá o que Campbell nomeia como arauto, mas que podemos adequar para a realidade dos contos de fadas e chamar de mentor. Alguém que lhe dará apoio e instruções.

Depois de refletir sobre a situação de seu povo, Moana percebe que é a hora de assumir sua posição como chefe e deixar de lado seus sonhos que envolvem o oceano. Entretanto, sua avó a leva para uma caverna e diz:

- Entre lá, bata o tambor e descubra o que nasceu para ser!

Lá dentro, a menina percebe que seu povo já havia sido navegador e que isso também era parte de sua identidade cultural em outros tempos, acreditando, inclusive, serem guiados pelo céu. As viagens foram proibidas quando Maui roubou o coração, Te Ká se levantou e alguns barcos começaram a não voltar. “Mas um dia, alguém fará uma jornada para além dos recifes, achará Maui, o levará através do grande oceano para restaurar o coração de Te Fiti” (Tala).



Tala colocando o coração na mão de Moana - *Frame* do filme *Moana - um mar de aventuras*

“Eu estava lá naquele dia... O oceano te escolheu!”, disse a avó, referindo-se ao dia em que Moana, ainda criança, recebeu do oceano o coração que fora roubado da deusa. Entendendo que essa era a forma de ajudar seu povo, mas sem saber como poderia desempenhar a missão, a filha do Chefe de Motunui foi até ele contar que tinha encontrado a solução. Apesar de ser a única forma, ele a repreendeu severamente, não aceitando que nem ela e nem ninguém fossem atravessar os corais.

Foi o momento decisivo sobre sua escolha. Aceitar o Chamado da Aventura (CAMPBELL, 1995) e assumir a postura de liderança, uma vez que sabia que o futuro de seu povo e de sua ilha dependia daquela tarefa ou recolher-se sob a decisão incisiva do pai de não permitir que ela fosse.

A vocação de Moana é algo que a acompanha desde sempre e é refletida em seu comportamento, mesmo antes de descobri-la. Ela passa por situações incômodas com o pai que carregara os mesmos anseios e se frustrara com eles. Ele tenta protegê-la, mas sua vocação é sobre quem ela era e ecoava diante da situação.

A vocação envolve desafio. Ir e alcançar o que nunca foi alcançado antes. Ligadas a ela estão a autenticidade e a identidade. Saber quem se é sem negociar seus valores e objetivos diante das dificuldades. Diniz Maia (2017) cita o Código de Ser de Hillman (1996), que afirma que cada criança já tem em si uma semente que pode ser cultivada. Há algo que cada pessoa é, que pode até mesmo ser chamado de essência, e é preciso trilhar uma jornada de herói para descobri-la e não perdê-la.

As escolhas fazem parte da vida de todos os indivíduos. Não há quem seja obrigado a viver uma missão, é praticável que se trace outros caminhos, caso queira. Não somos obrigados a viver a missão que existe para nós, podemos traçar outros caminhos.

Depois do conflito entre Moana e seu pai, a avó da menina estava prestes a morrer. Ela encorajou a neta a ir até Maiu, determinada a cumprir aquilo que precisava, e dizer: “Eu sou Moana de Motunui, vai embarcar no meu barco, cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti”. Moana pensava que não conseguiria, mas a avó prometeu estar sempre com ela.

Moana se afasta da avó, coloca no pescoço o colar que guarda o coração de Te Fiti e sai, cantando a segunda parte de “Saber quem sou”:



Moana colocando o colar - *Frame* do filme *Moana - um mar de aventuras*

As respostas estão no horizonte, tão longe
Ninguém tentou, mas hoje eu vou
Meu destino enfim vai se cumprir, de verdade
Sozinha estou, pro mundo eu vou
Este é o meu dever que o futuro trás
Muito pra aprender, eu não volto atrás
Para o mar eu vou, encarar quem sou
Me atirar enfim
Ela vai ser a luz a seguir na noite
O mar chamou, agora eu vou
Essa lua no céu que me sopra a verdade
E logo eu vou saber quem sou

Moana escolheu enfrentar os desafios, que em todo o tempo pareciam maiores do que ela e seguir: **“Eu sou Moana de Motunui, você vai entrar no meu barco, atravessar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti!”**.

Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as consequências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado (Campbell, 1949). Em todo o tempo, o próprio oceano ajudava Moana a passar pelas dificuldades em que se encontrava e a avó permaneceu como

mentora da menina. Segundo a perspectiva de Campbell, isso se configura como o Auxílio Sobrenatural.

Foi preciso enfrentar um caminho de provas. A recusa de Maui, que inicialmente não estava disposto a ajudar, os conflitos com ele, o ataque dos coquinhos assassinos, o resgate do anzol no reino dos monstros.

Ela contou com ajuda, mostrando que não importa o que será preciso viver, é necessário ter alguém que enfrente junto. Não ter feito tudo sozinha não faz dela menos importante ou capaz, mas ensina o valor da colaboração uns com os outros.

Foi com Maui que a filha do chefe da ilha aprendeu a navegar, a se guiar no mar pelas estrelas, era ele quem conhecia o caminho e até mesmo quais seriam os desafios enfrentados. Mesmo assim, foi ela que o salvou de ser comido pelo caranguejo Tomatoa. Todos os que trilham a jornada do herói devem saber que antes alguém já a trilhou primeiro. Refazer aquele caminho com Moana era, inclusive, uma oportunidade para o semideus se redimir de seu mal feito em roubar o coração da deusa.

Depois de um tempo que saíram do reino dos monstros, Moana começou a perguntar a Maui sobre suas tatuagens e foi específica sobre uma em que um bebê era jogado ao mar por uma mulher. Ela já havia entendido que o corpo dele passa a ser marcado pelas coisas que ele enfrentou na vida. Sobre aquela, ele não quis falar, mas depois da persistência dela para que confiasse, ele contou que fora jogado ao mar pelos pais quando bebê e os deuses o resgataram, o transformando em semideus e ele contou que deu de tudo o que pôde aos humanos, roubou o coração para dar poder a eles, tudo para ser amado.

A conversa entre os dois encorajou o semideus a seguir para fazer a coisa certa. A heroína mostrou que apesar do que lhe fizeram, existia algo de bom nele, algo pelo qual valia a pena lutar. Ela deu a ele a oportunidade de ver que ele só se tornou quem é pelo que ele escolheu fazer a partir daquilo que os deuses lhe ofereceram.

É comum ver protagonistas nas narrativas de heroínas que veem o melhor lado das pessoas. Dessa forma, elas as auxiliam a seguir seus desafios de forma bem resolvida, ensinando a ver o melhor lado de quem são. **“Moana de Motunui, admito que você finalmente fez o Maui cruzar o grande oceano. Moana! Moana! Moana! Ela é demais!”** (Maui).

Em posse de seu anzol mágico, Maui saiu do barco e foi enfrentar Te Ká. Na luta, o anzol rachou e a embarcação foi atirada para longe. Era preciso atravessar a barreira de rochas em que Te Ká estava na frente. Ela tinha um plano: dar a volta. Ele é de lava, não

se misturaria na água. Maui, entretanto, estava furioso e não aceitou. Gritou para Moana que sem o anzol ele não é nada e, portanto, não iria mais até Te Fiti. Transformando-se em falcão, ele deixou a menina sozinha no barco. Ela se sentiu mal e disse ao oceano: “Eu não sou a escolha perfeita, você tem que escolher outro alguém. Escolha outro alguém”.

O oceano pega da mão dela o coração e a avó aparece, conversa com ela e canta a *Canção Ancestral* que fala sobre o amor da garota pelo mar, pelo seu povo e ressaltava alguns traços de sua identidade como ser forte e especial, mas que ela precisava descobrir quem é. Depois disso, Moana percebe que esse chamado sempre fez parte dela e era preciso continuar encarando os medos e prosseguir.

As dificuldades moldaram a protagonista. O que ela enfrentou fez com que suas crenças sobre suas capacidades e sua missão fossem colocadas no limite, como uma provação. A presença e a canção cantada por sua avó lhe trouxe encorajamento e ela decidiu: “Eu sou Moana de Motunui, vou embarcar no meu barco, vou cruzar o oceano e restaurar o coração de Te Fiti!” (Moana). Sozinha, ela segue seu plano de passar por Te Ká e dá a volta nas ilhas de rocha.



Moana enfrentando Te Ká - *Frame* do filme *Moana - um mar de aventuras*

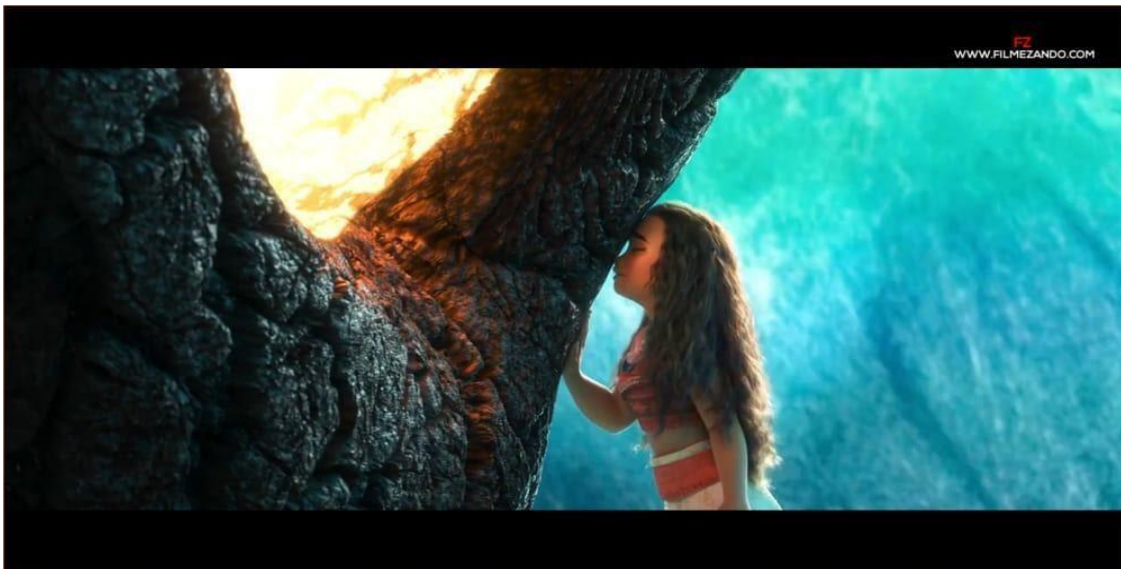
Ao passar pelas rochas, Te Ká lança uma bola de fogo contra Moana e seu barco vira jogado ao mar. A menina se recupera, mas ainda corre perigo sendo atacada. Maui chega e corta a mão do demônio de lava, salvando e surpreendendo a garota.

Maui luta contra Te Ká usando seu poder de transmorfo, correndo o risco de seu anzol estragar para sempre com apenas mais uma batida. Moana, enquanto isso, segue

seu caminho para Te Fiti. Precisava agora colocar o coração na espiral na grande ilha de rocha.

Ao chegar no topo da rocha, a heroína não encontra a espiral, apenas uma sombra no mar que faz com que ela acredite que Te Fiti morreu. Quando ela olha para frente, ela vê Te Ká e o espiral em seu peito. Moana percebe que Te Fiti, na verdade, se transformou em Te Ká ao ter seu coração roubado.

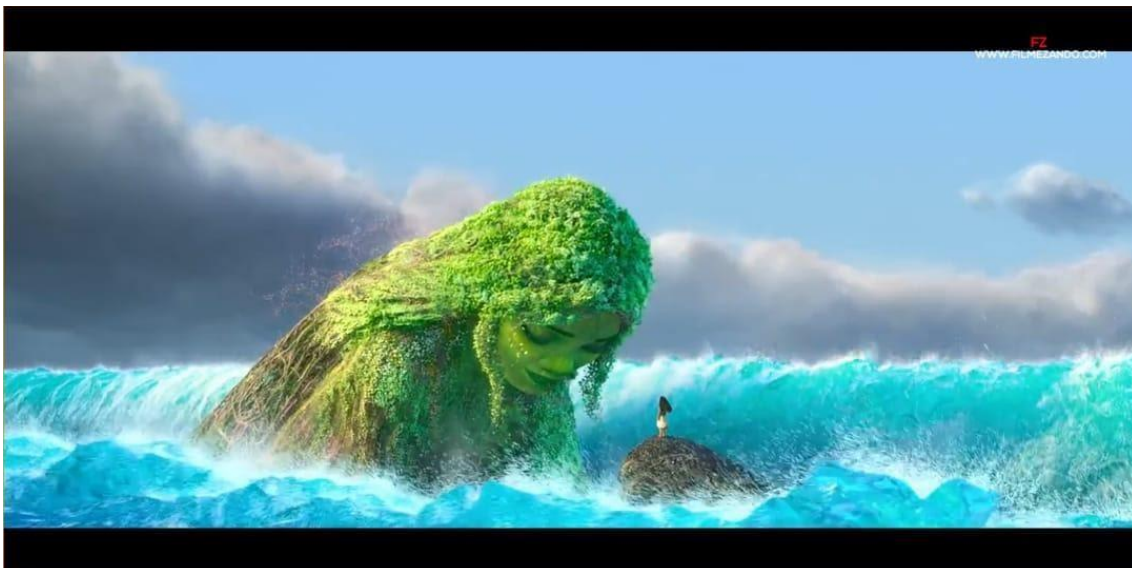
Moana estende a mão mostrando o coração, que brilha de longe aos olhos de Te Ká. O oceano se abre para que uma vá em direção à outra. Ela percebe que sua jornada resultou em um grande auxílio para Te Fiti, tendo neste momento a percepção de que havia encontrado sua identidade no percurso e que de alguma forma, elas agora estavam ligadas uma à outra.



Moana e Te Ká - *Frame* do filme *Moana* - *um mar de aventuras*



Moana devolvendo o coração - *Frame do filme Moana - um mar de aventuras*



Moana e Te Fiti - *Frame do filme Moana - um mar de aventuras*

Assim que Moana colocou o coração no peito de Te Ká, a cobertura rochosa se desfez e Te Fiti emergiu florida. O encontro entre as duas emergiu em um recomeço para todo o povo. Te Fiti deu vida novamente a toda natureza que havia morrido. Depois de descobrir quem ela era dentre tudo o que viveu, Moana cumpre sua grande missão e volta para casa como a grande líder do seu povo, sua sintonia com o pai é também restaurada.



Moana recebida pelas pessoas da ilha - *Frame do filme Moana - um mar de aventuras*

A música “Saber quem sou” acompanha as fases da jornada da heroína ao longo da trama. Enquanto acompanha a trajetória de Moana é possível que o espectador levante questionamentos acerca de sua própria vida: se existe uma missão que deve norteá-la, de que forma ela poderia ser desempenhada, que barreiras teria que ultrapassar, de que forma descobrir que missão seria essa e com a ajuda de quem contar. É comum que as pessoas se perguntem acerca de sua vocação. Inseridos na sociedade, todos os indivíduos buscam se encaixar e ser úteis, anseiam encontrar seu papel.

Cada ser humano é único, mas a identidade é afetada por questões culturais. A cultura seria tudo aquilo que envolve os homens, tendo ainda se tornado uma maneira de falar sobre eles, como uma forma de encontrar termos que possam ser gerais a fim de examiná-los e compreendê-los (WAGNER, 2010). Ela está envolvida em tudo o que é ensinado, desde os primeiros ensinamentos através dos familiares até o que o indivíduo escolher aprender quando se emancipa das influências dos círculos de convivência iniciais.

A cultura é representada em suas produções por meio da linguagem, que, por sua vez, é o pronunciamento do discurso (AGUIAR E BARROS, 2015). É preciso compreender que ela exerce grande influência para a construção de uma identidade.

Parafraseando Denise Diniz (2017), de alguma forma, os indivíduos são preparados pelas histórias que ouvem, no modo como interagem com o mundo e na sua formação como sujeitos sociais. É um meio em que elas podem identificar e construir o imaginário do que é a menina, a mulher, a princesa e até mesmo a heroína (SANTOS;

CARRIJO, 2015). A benção está na descoberta e na possibilidade de reconhecer em si os dons que se possui para que se possa ser cada vez mais quem se é.

No processo de descoberta desse chamado, o herói enfrenta obstáculos. A narrativa deixa claro que o propósito era algo que falava mais alto dentro de Moana, ainda que ela não tivesse muitas certezas sobre isso. Essa situação é bem relacionada às meninas e jovens em seus processos de descoberta de suas identidades. Existe algo que fala mais alto dentro delas, mas tudo é ainda muito incerto enquanto estão na jornada pelas heroínas que são.

A identidade do sujeito é reafirmada na medida em que enfrenta as dificuldades. Os desafios enfrentados pelas meninas fora das narrativas Disney não são os mesmos daqueles vistos nas telas, mas é possível que sejam usadas como metáforas que possam trazer inspirações. O caminho do herói não acontece sem angústias, dúvidas e sofrimento, nem mesmo sem as tarefas, lutas e conquistas (DINIZ MAIA, 2017).

Outro ponto trazido por Moana é o rompimento de estereótipos e padrões de beleza. A história se passa em um local inspirado por ilhas da Polinésia e a personagem tem padrões típicos dos povos do local. Assim como outras princesas da nova geração, sua pele não é branca, seu corpo não é esguio e seus cabelos não são lisos. O romper com o padrão promove uma identificação da protagonista com meninas que não tinham a possibilidade de ver suas características em outra personagem antes.

Essa realidade retratada tem relação com a emancipação feminina dos padrões de beleza. As meninas podem entender que são bonitas sendo quem são. Não é preciso alisar o cabelo ou esconder algo no corpo, elas são fortes e dignas de sucesso com as características que têm.

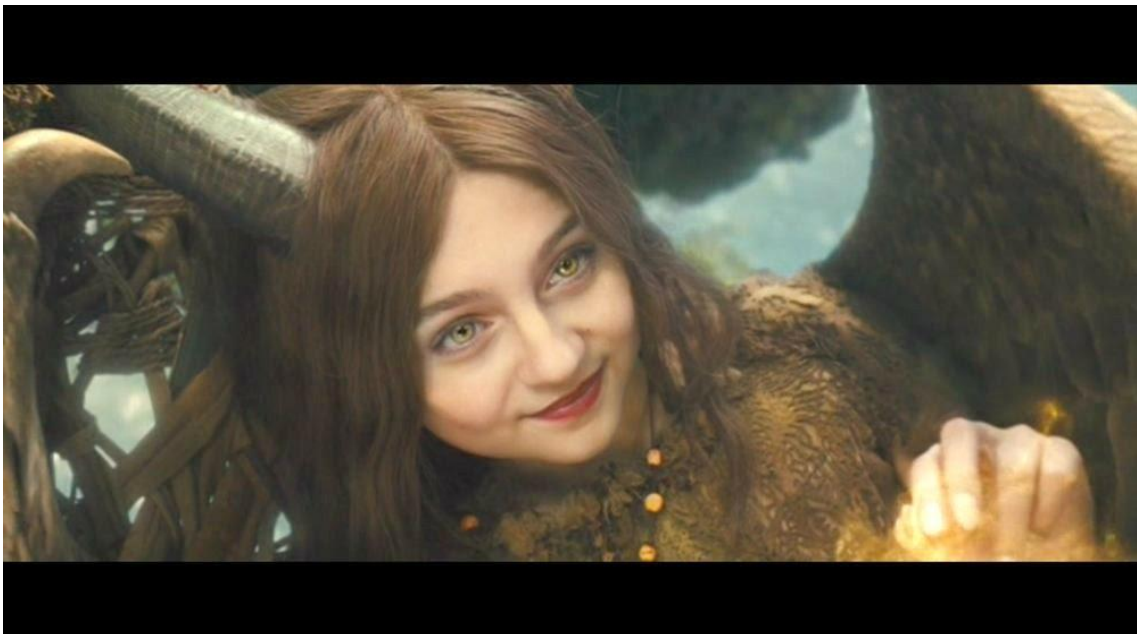
Apenas bons ou maus?

Júlia Carvalho

“Vou contar uma velha história de um jeito novo... veremos o quanto você a conhece.

Era uma vez dois reinos que tinham péssima relação. O ódio entre eles era tanto que só um grande herói ou vilão poderia uni-los. Em um deles viviam seres humanos com um rei vaidoso e ganancioso. Eles estavam sempre descontentes e com inveja da riqueza e da beleza dos seus vizinhos. Pois, no outro reino, o dos Moors, viviam vários tipos de seres estranhos e maravilhosos. Eles não tinham rei nem rainha, havia apenas confiança mútua.

Em uma árvore em um grande penhasco nos Moors vivia um desses seres. Podia-se pensar que era uma garota, mas ela não era uma garota qualquer. Ela era uma fada. E seu nome era... Malévola” (Narradora).



Malévola quando criança - *Frame* do filme *Malévola*

Essa história começa com uma fada inocente, ousada, forte e dona de uma beleza exuberante. Era um tempo em que o reino dos Moors, onde viviam criaturas encantadas, não se misturavam com o dos homens. Certo dia, um menino chamado Stefan rouba uma

pedra preciosa em uma caverna no reino dos Moors e é abordado por Malévola. Ela o convence a entregar-lhe a pedra para que a devolva à natureza.

Eles passeiam pelo reino e começam a se conhecer. Descobrem que ambos perderam seus pais. Stefan conta a Malévola que um dia viveria no castelo, mas que agora morava no celeiro.

Ao se despedirem, ele descobre o primeiro segredo sobre ela. No aperto de mão, o anel dele queima sua pele e ela lhe conta que o ferro queima as fadas. Ele se desculpa, joga o anel fora e elogia as asas dela. A atitude dele a tocou.

O menino volta para vê-la algumas semanas depois. Conversam, brincam e se tornam inseparáveis por alguns anos. “Pelo menos para eles, por um tempo, o antigo ódio de homens e fadas havia sido esquecido. E como acontece, o amor entre eles se transformou. Em seu 16º aniversário, Stefan deu um presente a Malévola. Ele disse que era um beijo de amor verdadeiro. Mas não era pra ser” (Narradora).



Cena do beijo de Malévola e Stefan - *Frame* do filme *Malévola*

Com o passar dos anos, a ambição de Stefan o afastou de Malévola. Ela, por sua vez, se tornou a mais forte das fadas, a protetora dos Moors.



Malévola voando, adulta - *Frame* do filme *Malévola*

Andando sozinha, ela pensava em onde estaria Stefan. Não conseguia compreender a ganância dos homens. **“Mas ela viria a aprender...”** (Narradora).

Ouvindo sobre um crescente poder nos Moors, o rei humano queria destruí-los. Diferente das criaturas encantadas, os homens agiam com maldade em função de suas ambições. Malévola cresceu e os homens, a mando do rei, atacaram os Moors.

A heroína e líder que ela era se mostrou nessa batalha. Os Moors venceram e o rei, doente, prometeu que quem a matasse seria o sucessor de seu trono e receberia sua filha como esposa.

Stefan, tomado pela ganância, foi à procura dela. Ela o recebeu cheia de resistências. Porém, ele pediu perdão pelos erros ao longo dos anos que se passaram e, assim, ela foi se permitindo confiar nele. Eles conversaram muito e tudo voltou a ser como era antes. Durante a conversa, ele perguntou a ela se estava sentindo sede e deu uma bebida que a fez pegar no sono. Quando dormiu, Stefan cortou-lhe as asas e foi embora.

Algum tempo depois, Malévola acordou e percebeu que estava sem suas asas. Seu grito ecoou distante e Stefan levou as asas para o rei para afirmar que havia a matado. É possível acreditar que ele fez isso como uma forma de poupá-la da morte, já que ela estava sendo procurada. Entretanto, o que aquele rapaz fez à jovem fada foi uma agressão que lhe arrancou a inocência. Malévola ficou tomada de raiva, unida a um desejo de vingança. Ela sentiu em sua pele até que ponto a ambição do homem pode chegar.

Tal cena se trata de uma metáfora sobre o estupro (TAVARES, 2018), a atriz Angelina Jolie, que é a protagonista e produtora executiva junto com a roteirista pensaram intencionalmente em trazer esta mensagem. Ele fez com que ela o perdoasse, que confiasse nele novamente e lhe roubou a inocência, dopando e cortando-lhe as asas. Ela

foi traída por quem amou e confiou. Quando ela se levanta, ela recebe poder, mas mesmo havendo bondade nela, a amargura passou a ser predominante em suas ações.



Malévola acorda gritando sem as asas - *Frame* do filme *Malévola*

As cenas seguintes são escuras, demonstrando aquilo que estava se passando dentro da protagonista. Depois disso, caminhando pela floresta, viu homens capturando um corvo. Para evitar que fosse capturado e salvá-lo, ela o transformou em homem. Dieval, seu nome. Salvo, ele prometeu servi-la, ela pediu apenas que em troca ele fosse suas asas. A bondade ainda podia ser vista em atitudes como esta.

Citando o Código de Ser de Hillman (1996) mencionado por Diniz Maia (2017), há algo no indivíduo que pode ser chamado de essência, algo individual que pode ser cultivado ou não. Para a protagonista, a violência sofrida acarretou alterações em seu modo de ver e se relacionar com o mundo.

A protetora dos Moors percebeu que Stefan havia cortado suas asas apenas para se tornar rei. Um tempo depois, ele teve uma filha e em seu batizado todo o povo compareceu, mas Malévola não havia sido convidada.

Quando as três fadas madrinhas estavam abençoando a menina, Malévola chega antes que a terceira pudesse terminar e afirma que a menina seria mesmo tudo aquilo de bom que as fadas disseram, cresceria com graça e beleza, mas que, ao completar 16 anos,

ela espetaria o dedo no fuso de uma roca de fiar e dormiria um sono profundo até que fosse despertada por um beijo de amor verdadeiro.

Apesar de dar uma condição para que a princesa Aurora fosse despertada, a razão de ser o beijo de amor verdadeiro é que Malévola já não acreditava mais que o amor verdadeiro existisse depois do que Stefan havia feito a ela. Para ela, a princesa estaria condicionada a dormir para sempre.



Malévola amaldiçoando Aurora - *Frame* do filme *Malévola*

Ao terminar o batizado, o rei Stefan ordenou que fossem queimadas todas as rocas do reino e que a princesa fosse criada no campo pelas três fadas, que seriam para ela como três camponesas, tias de uma menina órfã. As fadas começaram a se empenhar em cuidar do bebê. Já Malévola se fechou em sua dor, criou muros de espinhos impedindo a passagem para Moors.

Percebendo, entretanto, que as fadas eram desajeitadas em cuidar da criança, Malévola começou a se aproximar. Apesar de ter lançado a maldição, Malévola, ouvindo que Aurora chorava de fome, mandou Dieval com leite em uma flor para alimentar a menina. Stefan, por sua vez, era cada vez mais consumido pelo desejo de vingança.

As três fadas eram desajeitadas e frequentemente a menina ficava em situações em que podia cair ou que estava com fome, e elas não sabiam cuidar. De alguma forma, Malévola sempre estava por perto, cuidando com o pretexto de que, com aquelas três fadas, Aurora não sobreviveria para que o feitiço se consumasse.

Todavia, um sentimento entre Malévola e Aurora foi surgindo. Aurora, mesmo sem vê-la, sabia que ela sempre a acompanhava e Malévola, a cada dia mais, ia tendo cuidados de mãe com a menina (PRUDENTE E EURICO, 2016).



Aurora criança com Malévola - *Frame* do filme *Malévola*

Aurora cresceu com graça e beleza. Queria conhecer o mundo e o que havia além daquele muro de espinhos. Mas não era a única que queria atravessá-lo. Do outro lado, os homens continuavam a buscar formas para atacar.

Um dia, a jovem passa por parte do muro e, encontrando-a, Malévola a leva de volta aos Moors em estado de sono. Ao permitir que ela acordasse, ela se escondeu na escuridão e Aurora chama por ela pedindo que aparecesse e dizendo para não ter medo. Malévola retruca dizendo que seria ela a ter medo. A princesa, entretanto, a surpreende afirmando saber quem ela é: “é minha fada madrinha”, completa ela. O arquétipo da mãe, similar ao da fada madrinha na trama, configura-se como parte da identidade de Malévola a partir de sua interação com a jovem.

Depois do que Stefan havia lhe feito, apesar de toda a bondade que carregava, ela assumiu a amargura e a vingança como fatores mais marcantes de sua identidade. Aquela

essência da fada que havia tornado-se protetora dos Moors havia sido deixada de lado para dar lugar a uma personagem que fora vista como bruxa por todos os anos até que a nova versão da história fosse contada.

Com a nova versão, apesar de ser uma fada, Malévola foi apresentada com traços emocionais humanos. Alguém que, apesar de bondosa, tornara-se amargurada pelo que havia sido feito e que desejava provocar dor em quem provocara nela.

Naquele momento, porém, ao ver Aurora crescer e precisar de cuidados, aquela essência protetora deixada de lado por tantos anos passou a encontrar espaço e a própria Aurora reconheceu que era Malévola quem esteve a cuidar dela por toda sua vida, representando, portanto, um cuidado maternal.

Segundo Stuart Hall (2006), as identidades, atualmente nomeadas como “pós-modernas” são fragmentadas e em constante mudança. A personagem fora construída neste contexto, com a complexidade e susceptibilidade a mudanças da identidade humana; e a gentileza e generosidade de Malévola foram reafirmadas, até como que redescobertas por ela, no encontro com Aurora.

Tratada na trama como um ser não humano, ela apresenta comportamentos e dilemas humanos, quebrando o padrão inserido outrora pelo dualismo bem e mal. Ela não é apenas uma boa heroína que cometeu erros, mas age em certos momentos com seu lado bom e em outros, como quando lança a maldição sobre Aurora, mostra seu lado má e vingativa.

O dualismo bem e mal é uma característica presente nos contos de fadas tradicionais, deixando evidente que ou uma criatura é boa ou é má, não havendo variação nisso. Bettelheim (2002) explica que essa separação, quando ouvida, é importante para a construção do inconsciente da criança.

Todavia, as produções Disney, apesar de serem acessíveis a todas as idades, podem ser melhor compreendidas a partir de um momento mais maduro na infância, em que valores como empatia e compaixão estão sendo difundidos. É isso que a trama (2014) proporciona: empatia do espectador para o personagem.

Encerrando a conversa, Malévola coloca Aurora em estado de sono novamente, levando-a embora. A menina pôde conhecer algumas criaturas do reino e contemplar a beleza que existia naquele lugar.

Próximo à data em que o feitiço se realizaria, pelo amor que sentia por Aurora, Malévola tentou revogar o feitiço enquanto a jovem dormia, mas não deu certo. Ela ouvia

sua própria voz repetindo aquilo que ela havia dito no batizado: “essa maldição durará para sempre. Nenhuma força na Terra pode mudá-la” (Malévola).

Como protetora dos Moors, Malévola já era uma heroína ao lutar e salvar aquele povo das investidas de destruição por parte dos humanos, mas diferente de outros heróis, seu Chamado da Aventura (início de sua jornada heroica) é a correção de seu próprio erro: era preciso salvar Aurora da maldição que ela mesma lhe causara. Como Freud demonstrou, os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos (CAMPBELL, 1949).

Para Campbell (1949), em seu livro “O herói de mil faces”, que narra o mito da aventura em que pode ser encontrada a jornada do herói, o erro pode equivaler ao ato inicial de um destino. No instante em que Malévola nota que em seu coração existe amor por Aurora e que não poderia deixá-la sofrer aquele mal, é dado seu Chamado da Aventura, que é a primeira fase da jornada do herói, em prol de salvar a jovem.

Nesse processo, “o despertar do eu”, que é o momento em que o herói passa a conhecer sua identidade, é dado fazendo com que a fada se lembre de sua bondade, há tanto tempo abafada pela vingança. O diálogo em que Aurora vê Malévola pela primeira vez e afirma ser ela sua fada madrinha, que em outras palavras quer dizer protetora, pode ser visto como um momento chave nesse despertar. Naquela cena, Malévola, que se vê como uma criatura digna de produzir medo por sua imagem, é acolhida pelo carinho da menina e pelo reconhecimento do cuidado. Na inocência de Aurora, Malévola se reencontra.

Quando o amor, esse estranho elemento, se evidencia, a vingança passa a não ter mais valor. Uma vez que a ação salvadora se tornou um anseio para Malévola, a recusa de seu Chamado (momento comum para muitos heróis) não era uma opção. Os mitos e contos de fadas de todo o mundo deixam claro que a Recusa é essencialmente uma negação a renunciar àquilo que a pessoa considera interesse próprio (CAMPBELL, 1949). Por não buscar seus próprios interesses, o amor faz com que a recusa seja uma fase ultrapassada.

Quanto ao auxílio sobrenatural, parte inerente à jornada do herói narrada por Campbell, Malévola não contou com um mentor ou alguém para protegê-la. Era ela mesma a detentora do poder sobrenatural.

Em uma noite, as duas passeavam pelo reino dos Moors, quando a menina perguntou sobre as asas de sua protetora. Ela contou a ela que a maioria das fadas tem asas, mas que as dela foram roubadas. Elas eram “tão grandes que quando eu andava elas

arrastavam no chão. E eram fortes. Podiam me levar além das nuvens e através dos ventos. E elas nunca falharam. Nem uma vez. Podia confiar nelas” (Malévola).

Pela manhã, enquanto o rei Stefan se preparava mais uma vez para atacar Malévola, a princesa estava interagindo com as criaturas de Moors, quando a protetora do reino, sentada por perto, a chamou para contar que existe um mal no mundo do qual ela não pode protegê-la. Impedindo-a de contar o segredo que a fada havia guardado por tanto tempo, Aurora se empolgou em morar em Moors e poderem cuidar uma da outra.

As duas personagens principais são mulheres poderosas e determinadas. Malévola enfrenta exércitos para proteger seu reino e para salvar Aurora de sua própria maldição, e Aurora se mostra decidida em suas vontades próprias, como quando decide morar no reino dos Moors com sua fada madrinha. “Nesta adaptação, a princesa se distancia muito da donzela em perigo da versão original” (MENEZHINI, 2016).

Enquanto a princesa pensava em como contaria para suas tias que passaria a viver em Moors, o príncipe Philip aparece perdido na floresta e eles conversam um pouco. Vendo os dois e sabendo que a tentativa de revogar o feitiço havia falhado, Dieval disse a Malévola que aquele rapaz poderia ser a última esperança para a garota viver. Malévola replica que o motivo de decretar que o feitiço só seria revogado com um beijo de amor verdadeiro foi por saber que ele não existe.

O filme faz uma releitura de *A Bela Adormecida*, contando a história sob outro ponto de vista. A primeira versão transmitia valores referentes à época em que a mulher era bem vista por ter um casamento bem-sucedido, bons filhos e deveria ser subordinada primeiro aos homens de sua família. Quando solteira, ao pai, e ao se casar, ao marido.

No filme lançado em 1959, não é Aurora quem realiza os afazeres domésticos, e sim as três fadas. Apesar disso, a trama mostra o casamento designado pelos interesses da família, que era um problema enfrentado na época. Sem saber que estavam prometidos um para o outro, Aurora e Felipe se apaixonam e se indignam ao descobrir que sua família já tinha um pretendente escolhido para eles. A princesa, entretanto, aceita, demonstrando suas submissão e obediência (AGUIAR E BARROS, 2015)

O *live action*, lançado em 2014, carrega ideais modernos. Tanto a personagem principal, Malévola, como sua coadjuvante, Aurora, são mulheres protagonistas de suas histórias. Aurora tem um interesse romântico por Philip, mas a trama não gira em torno disso.

Quando Aurora foi até as três fadas contar que deixaria de morar com elas, elas, por descuido, contaram a ela toda a história sobre ter sido enfeitiçada por uma fada má.

A menina foi questionar Malévola, que confirmou e assumiu que havia mesmo sido ela. Vendo-a decepcionada, Malévola pede a Dieval que encontre o príncipe, fator decisivo no desenvolvimento do desfecho.

Magoada, Aurora foge para o castelo e se apresenta a seu pai. Lá, havia um lugar onde ficaram guardadas várias rocas de fiar por muitos anos. A menina foi atraída por elas, até que espetou o dedo e caiu em sono profundo. No instante em que ela espeta o dedo, Malévola, a caminho do castelo levando o príncipe, sente que seu feitiço havia sido consumado.

A princesa adormeceu, as fadas encontraram o príncipe do lado de fora do quarto e o levaram até ela e insistiram que a beijasse, mas o beijo não funcionou, confirmando a todos que para a situação da jovem não havia mais saída.

Malévola entra e se assenta ao lado da princesa:

- Não vou te pedir perdão porque o que fiz a você é imperdoável. Eu estava tão embevecida por ódio e vingança. Doce Aurora... Você roubou o que restou do meu coração. E agora eu a perdi para sempre.

Malévola chora:

- Eu juro que nada vai te fazer mal enquanto eu viver. E não passará um dia sem que eu sinta falta do seu sorriso.



Cena de Malévola e Aurora no quarto no castelo - *Frame* do filme *Malévola*

Malévola beija a testa de Aurora e se vira para ir embora, quando a menina abre os olhos e diz:

- Olá, fada madrinha.

Malévola olha de volta:

- Olá, pestinha.

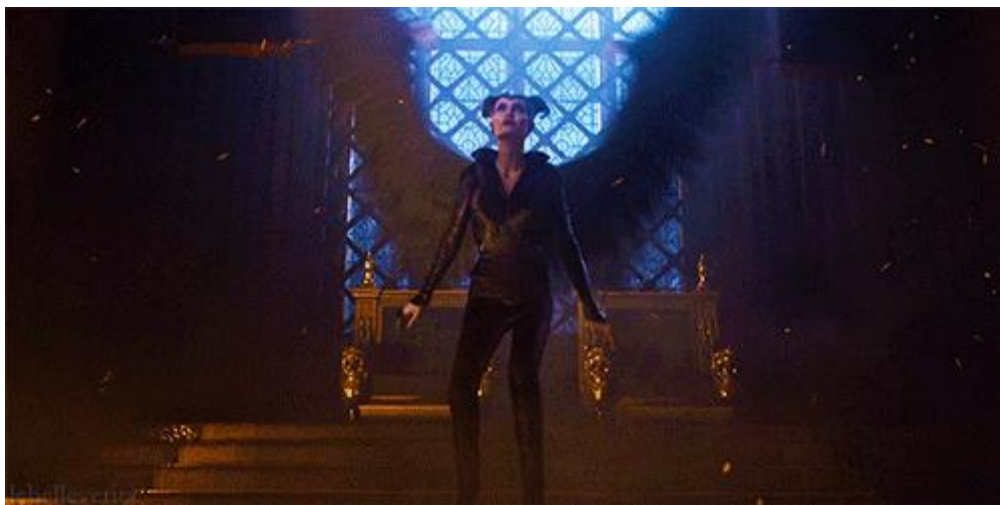
Elas sorriem uma à outra. E Dieval, assistindo de longe, exclama:

- O amor verdadeiro.

O rei, sem saber que a princesa tinha acordado e sabendo que a protetora dos Moors estava lá, travou uma batalha contra ela. Prendeu-a em uma rede de ferro enorme porque sabia que o ferro era nocivo às fadas. Aurora tentou ajudar, mas foi contida pelos guardas. As perseguições do rei Stefan não são capazes de paralisar nem uma e nem a outra.

O Caminho de provas começou desde a conversa com Aurora sobre o mal que há no mundo, a falha ao tentar revogar o feitiço, o confronto de Aurora quando esta descobriu que a causadora da maldição havia sido Malévola, a chegada ao castelo para levar Philip e, mesmo depois da princesa acordar, a batalha contra o rei Stefan antes de voltar a Moors. Tudo isso foram provas que a heroína precisou enfrentar. Seus auxílios nesse caminho foram seus poderes, Dieval e a própria Aurora.

Conseguindo fugir enquanto Dieval, como dragão, luta com os guardas, a menina chega ao lugar em que estavam escondidas as asas de Malévola. Vendo-as fechadas em uma estante com vidro, a jovem liberta as asas, que saem voando até se prenderem de volta às costas de sua dona.



Malévola recebendo suas asas de volta - *Frame* do filme *Malévola*

O rei ordena que a matem. A batalha continua, mas com suas asas ela vence, deixando o rei Stefan morto. E por fim, o filme apresenta uma lição: que é possível vencer qualquer desafio pelo amor e, através dele, cada pessoa pode ter suas melhores características evidenciadas.

A bênção última, fase final (e de conquista) da jornada do herói, foi por meio do gesto de amor verdadeiro para trazer Aurora de volta à vida. Malévola salvou Aurora da maldição que ela mesma lançou e se tornou refém por amá-la. Todavia, Aurora também salvou Malévola da vingança que ela carregava e de ser morta por seu pai quando soltou as asas, permitindo que estas retornassem ao corpo de sua dona. Apesar de a fada ser a heroína da história, a princesa é heroína também e sua bênção última pode ser vista como este momento da libertação das asas.

“Malévola derrubou o muro de espinhos e abandonou sua coroa. E convidou Aurora para ver como eram os Moors há muito tempo, como quando Malévola era criança. Pois agora, era de novo. Mas isso não foi tudo” (Narradora).

Malévola nomeia Aurora rainha dos Moors:

- Nossos reinos foram unificados. Vocês têm sua rainha.

“A história não é bem como contaram a você. E eu sei bem, pois fui chamada de Bela Adormecida. No final, o reino foi unificado não por um herói ou um vilão como previra a lenda... Mas por alguém que era tanto herói como vilão. E seu nome era Malévola” (Aurora).



Malévola no céu voando - *Frame* do filme *Malévola*

O amor pode nos salvar?

(Júlia Carvalho)

“Era uma vez no interior da França, onde um jovem e belo príncipe vivia em um lindo castelo. Embora possuísse tudo o que desejasse, o príncipe era egoísta e grosseiro.” (Narradora)

Um baile no castelo. No salão, uma senhora idosa entra e oferece uma rosa de presente ao príncipe. Ele ri, se enoja de sua aparência e a manda embora. Ela o aconselha a não se enganar pelas aparências, pois a beleza está no interior.

Ele insistiu em expulsá-la e a aparência exterior dela mudou, transformando-se em uma feiticeira muito bonita. O príncipe pediu perdão, mas ela percebeu que no coração dele não havia amor, então, como castigo, o transformou em uma fera, enfeitiçou o castelo e todos os que lá viviam. Todos aqueles que estavam no castelo foram esquecidos, pois as lembranças de quem amavam foram apagadas.

A trama já se inicia contando como e por que o príncipe foi transformado em fera, explicação esta que não estava contida na história original. A Bela e a Fera, segundo Bruno Bettelheim (2002), faz parte de uma classificação dentre os contos de fadas em que as histórias são encaixadas em algo nomeado como ciclo noivo-animal. Ele afirma que há três traços típicos nessas narrativas. O primeiro é que não se sabe como e nem o porquê do noivo ter sido transformado em animal. No caso do *live action*, há uma quebra nesse ponto. O segundo traço é que a transformação é realizada pela feiticeira e o terceiro é que o pai é o motivo para que a filha se una à Fera, seja por amor ou por obediência.

Nesses casos, a mãe não tem abertamente um papel significativo, mas veremos que por mais que a mãe de Bela tenha morrido, ela tem papel fundamental na forma como a jovem constrói a segurança em sua própria identidade.

A rosa que a feiticeira deu ao príncipe, no entanto, era uma rosa encantada: “se ele aprendesse a amar alguém antes que a última pétala caísse, o feitiço seria quebrado. Senão, permaneceria como fera por toda a eternidade”. Após alguns anos, a Fera perdeu as esperanças. Acreditava que ninguém poderia ser capaz de amar um monstro.

Bela aparece pela primeira vez na cena seguinte, cantando uma canção que diz sobre sua relação com a aldeia em que morava e a forma que era vista pelos demais aldeões. No início, a letra falava sobre a rotina deles: todos se levantam de manhã, dizem

“bom dia” uns aos outros, o padeiro vem, Bela vai à biblioteca e assim os dias passam, com os outros vendo-a como uma estranha por seus gostos e hábitos diferentes dos demais. Para ela, a biblioteca faz a aldeia parecer um lugar maior e os livros a levam para viajar por outros lugares. Ao final, todos cantam sobre Bela e ela canta sobre os sonhos que encontrou nos livros.



Bela na aldeia - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*

[Todos]

Esta garota é muito esquisita

O que será que há com ela?

Ela é uma criatura

Com mania de leitura

É um enigma pra nós

A nossa Bela

[Bela]

É um lindo romance

Eles dois se encontram no jardim

É o príncipe encantado

Mas ela descobre quem ele é quase no fim

[Todos]

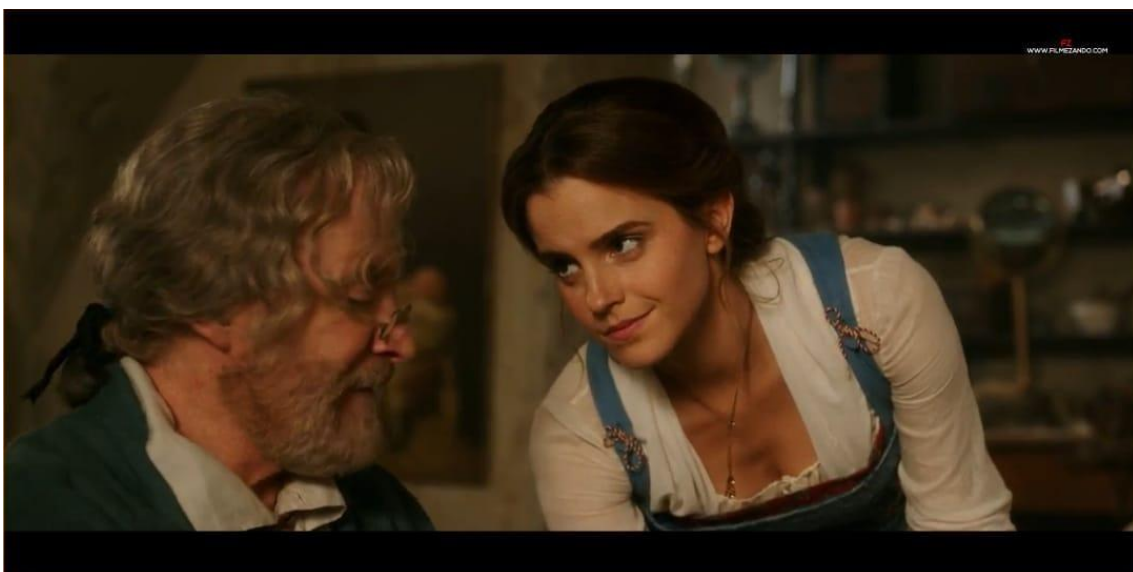
O nome dela quer dizer beleza

Não é difícil de entender
Mas por trás desta fachada
Ela é muito fechada
Ela é bastante inteligente
Não se parece com a gente
Se tem moça diferente é a Bela!

Os traços mais marcantes da personalidade de Bela ficam perceptíveis a partir da música que ela e os moradores da vila cantam. Parisiense, ela vive com o pai, inventor e comerciante, em uma pequena aldeia francesa. Enquanto as outras moças ansiavam ser bonitas e cobiçadas para o casamento, a protagonista era considerada esquisita.

Seu desejo era morar em um lugar maior. Ela gostava de ensinar, valorizava a inteligência e acreditava que ler era uma forma de ir a outros lugares e ampliar seu próprio mundo. Essas características a tornavam muito diferente das demais pessoas do local, mas sua beleza era notada por onde passava. Por causa da beleza, um dos homens da aldeia, Gastón, cobiçado pelas outras donzelas, ambicionava se casar com ela, mas seu interesse não era nem um pouco correspondido.

Numa manhã, ao chegar em casa, Bela ouviu o pai cantar “Cores dos Momentos”, revelando a forma como a mãe da garota era lembrada com carinho por ele, assim como os valores com os quais ela havia crescido: “Eu acredito ser possível fazer o tempo andar pra trás. O amor é a resposta nessa vida tão fugaz. Guardo as cores dos momentos para que nunca tenham fim. O amor sempre estará dentro de mim” (Maurice).



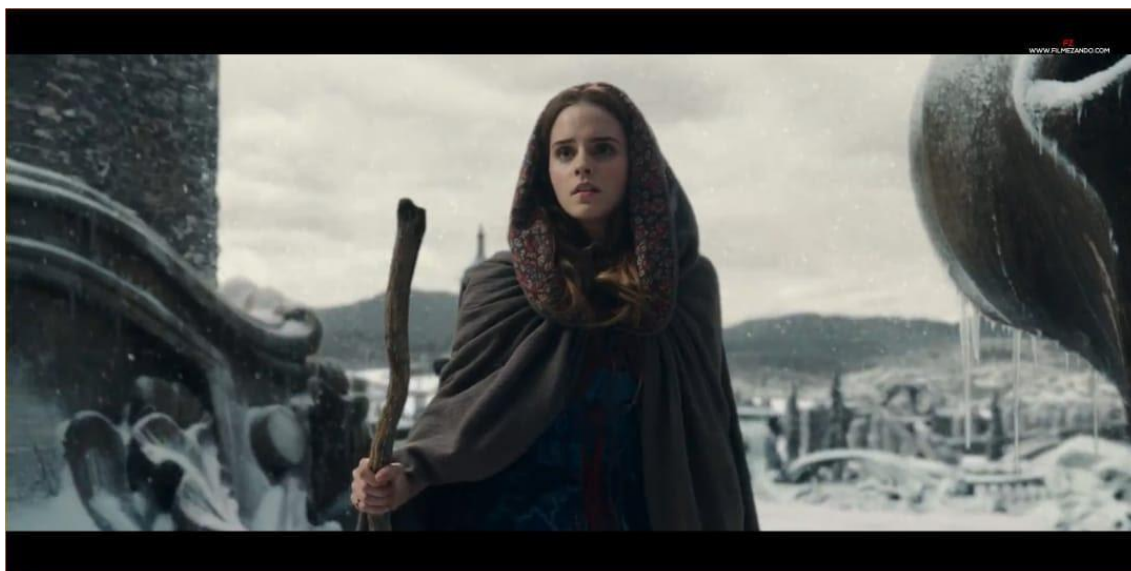
Bela e o pai - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*

Ela perguntou a seu pai se ele também a considerava estranha. Ele respondeu que não e disse: “Certa vez, em Paris, conheci uma garota como você que era visionária. Era diferente. Zombavam dela. Até o dia em que todos se pegaram imitando-a” (Maurice). Atendendo ao pedido da filha que gostaria de saber mais sobre a mãe, Maurice disse que a mãe dela era corajosa. Traço este que mais tarde Bela demonstraria também.

Pouco depois, seu pai foi viajar a trabalho e perguntou o que queria que lhe trouxesse de presente. Como de costume, ela pediu uma rosa. A rosa simboliza o amor que permanece a florescer entre eles (BETTELHEIM, 2002).

Na volta para casa, o pai foi perseguido por lobos na floresta e acolhido em um castelo. Lá encontrou água para seu cavalo e foi misteriosamente servido por objetos animados. Ele gostaria de agradecer ao anfitrião, mas não obteve resposta ao chamar.

Lembrando-se da rosa da filha, colheu uma no jardim enquanto saía do castelo. A Fera apareceu, furiosa e fez dele um prisioneiro. O cavalo, assustado, saiu correndo até Bela. Preocupada com o que poderia ter acontecido com o pai, pediu ao cavalo que a levasse até ele.



Bela chegando no castelo da Fera - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*

A jornada do herói na história de Bela começa quando ela se propõe a ir atrás de seu pai. Ela sai do seu espaço conhecido em direção ao desconhecido, é seu Chamado da

Aventura (CAMPBELL, 1949), primeira fase da trajetória heroica. Vai sem saber que situações poderá enfrentar.

Suas roupas simples, nesse momento, são sobrepostas por uma capa de cor marrom - o figurino tem o papel de configurar a imagem da heroína corajosa, que parte em uma missão importante. A chegada no castelo é acompanhada de neve. Mostrando o frio e o sombrio do desconhecido.

Chegando lá, Bela encontra o pai preso e promete libertá-lo. Eles ouvem um barulho e ela enfrenta perguntando quem é e ordenando que apareça. A Fera devolve a pergunta e ela afirma que havia ido procurar o pai, que fora acusado como ladrão por ter roubado uma rosa.

A jovem decide ficar no lugar do pai, que a manda ir embora, afirmando que já perdeu sua mãe, não gostaria de perdê-la também. A jovem pede à Fera que a deixe apenas despedir-se de seu pai. Ao abrir a cela, Bela o abraça e o empurra para fora no momento de fechar, prometendo que vai escapar.

Os objetos animados do castelo, acreditando que Bela poderia ser sua salvadora para quebrar o feitiço, caso desenvolvesse amor verdadeiro pela Fera e ele por ela, começaram a interagir e dedicar-lhe cuidado. Deram um quarto grande e bonito, tentando fazer com que deixasse a entender que a escolha tinha sido da Fera.

Enquanto isso, na aldeia, as pessoas celebravam Gastón. O pai de Bela, Maurice, desesperado, chega pedindo ajuda e afirmando que a filha havia sido capturada pela Fera. Gastón, mesmo achando que Maurice estava louco, se compromete a ajudá-lo pelo desejo de desposar a garota.

No castelo, os objetos convenceram a Fera de convidar Bela para jantar, mas ele foi ríspido e ela não aceitou. Não se dando por vencidos, os novos amigos da moça prosseguiram com o plano de tentar fazer com que eles se apaixonassem. Eles a levaram para jantar e depois Madame Samovar, que havia sido transformada em Bule a acompanhou para o quarto,

Depois, Bela se lembrou que Lumière, o candelabro, tinha dito que ela poderia passear por todo o palácio, exceto na ala oeste. Curiosa, ela correu para ver o que encontrava. Entrou nos aposentos da Fera e na varanda, encontrou a rosa.

A Fera apareceu furiosa, gritando que com aquela atitude a prisioneira poderia condenar a todos. Sem entender e muito nervosa com a situação, Bela saiu correndo do castelo, montou em um cavalo e foi embora.

Na floresta, os lobos começaram a rodeá-la para atacar. A Fera foi atrás dela para defendê-la e se feriu. Eles voltaram juntos e ela começou a cuidar dele. Os amigos a agradeceram e ela não entendia por que se importavam. Ela contou que eles sempre cuidaram dele a vida toda e quando perdera sua mãe, eles não fizeram nada para impedir que o pai corrompesse o garoto doce e inocente que ele era.

Na cena seguinte, o príncipe, ainda criança, começa a cantar “Doce visão”, demonstrando seu sentimento com o falecimento de sua mãe: ‘Doce visão, guardo em mim aquela emoção. Eu te levo no coração sempre estás comigo’ (Fera).

A letra segue cantada pelos personagens enfeitados, demonstrando a falta que sentem de conviver como humanos uns com os outros. E então, chega a vez de Bela, que prossegue cantando sobre seu momento de emancipação:

Como manter a confiança
Em meio a dor e a escuridão
Já fui cheia de certezas
Só restou suposição
(Tempos atrás)
Largo enfim a minha infância
(Eu fui tão feliz)
Pai, não segure a minha mão
Eu percebo que cresci
O meu destino eu vou seguir

E todos terminam juntos:

Nossa visão vai voltar a ser real
Vai ser assim
E todos irão renascer enfim

Recitando Shakespeare ao lado da cama da Fera, Bela começa a perceber o homem culto que ele é. Ele a leva até a biblioteca e ela fica encantada. Eles passam a jantar juntos, ler, passear pelo palácio e brincar de jogar bolas de neve um no outro. Suas roupas já são vermelhas, cor forte que remete à paixão e alegria, simbolizando a transição para uma relação melhor e mais aberta.



Bela jogando a bola de neve na Fera - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*

Eles começaram a compartilhar sobre como se sentem um com o outro. A Fera decidiu mostrar à Bela outro presente que a feiticeira lhe deixou. Um livro que poderia levar a qualquer lugar do mundo, em qualquer tempo. Ela escolheu ir a Paris, na casa em que seus pais moravam quando ela nasceu. Assim, ela descobriu que sua mãe fora vítima da peste e seu pai foi embora com ela para que não fosse contagiada também.

Ao passo que Bela, como heroína da Fera e dos demais, despertava a essência doce da Fera, ela descobria também sobre quem ela era. Seja pela decisão de assumir sua coragem e passar pelos obstáculos, como também por oportunidades como essas de descobrir mais sobre sua origem e sobre a figura de referência de identidade, que é a mãe.

Para a noite, um jantar. Os amigos enfeitados de Bela e Fera prepararam tudo. Eles se encontraram na escada, vestidos como para um baile, enquanto Madame Samovar canta a canção que narra os sentimentos entre Bela e Fera:

Sentimentos são
Fáceis de mudar
Mesmo entre quem
Não vê que alguém
Pode ser seu par
Basta um olhar
Que o outro não espera

Para assustar e até perturbar
Mesmo a Bela e a Fera
Sentimento assim
Sempre é uma surpresa
Quando ele vem, nada o detém
É uma chama acesa
Sentimentos vem
Para nos trazer
Novas sensações, doces emoções
E um novo prazer
E numa estação, como a primavera
Sentimentos são, como uma canção
Para a Bela e a Fera
Sentimentos são
Como uma canção
Para a Bela e a Fera



A valsa - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*

Depois da valsa, eles foram para a varanda e a Fera disse que não dançava há anos. Um silêncio se instaurou e a Fera disse que era tolice que ele esperasse que um dia pudesse ganhar o afeto dela. Ela ressaltou que não era possível que alguém fosse feliz sem ser livre. Outro silêncio. E ela disse que havia aprendido a dançar com o pai.

Conversaram sobre a falta que ela sentia dele e Fera mostra a Bela um espelho mágico que basta pedir para que veja alguém e o espelho mostra. A garota viu então que seu pai estava em perigo. Logo que saiu do castelo da Fera, Maurice foi até a aldeia buscar ajuda e, por interesse em se casar com Bela, Gastón ofereceu procurá-la, mesmo sem acreditar na história sobre a Fera e o castelo.

Com maldade, Gastón o deixou preso em uma árvore na floresta para ser comido por lobos, mas uma mendiga aldeã o salvou. Ao voltar para a aldeia, ele foi dado como louco. No espelho, Bela viu o pai sendo levado para o hospício, maltratado. A Fera a deixa ir até ele, levando consigo o espelho para que tivesse um jeito de vê-lo. Mesmo sabendo que ela poderia ser sua última esperança, ele a deixou ir, porque a amava.

No castelo, a Fera cantava a canção “Nunca mais” que dizia que antes tinha tudo do melhor, se afogou em dor e com sua amada encontrou um mundo novo, mas que não a merecia. Bela, em um cavalo, seguia na direção de salvar seu pai.

Os aldeões não acreditavam que a história sobre a Fera era real, mas a jovem provou através do espelho. Gastón tomou-o de sua mão, mandou que a trancassem junto com o pai e foi atrás da Fera para matá-lo.

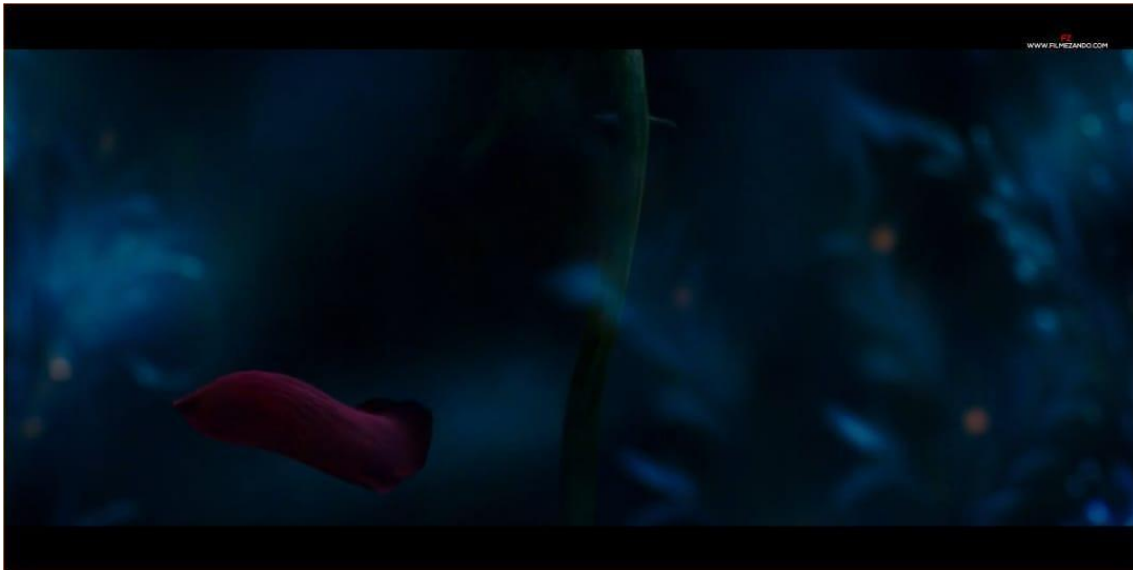
Na esperança de conseguir avisar a Fera a tempo, Bela conseguiu fugir. Porém, o povo da aldeia já estava atacando o castelo. Os objetos vivos resistiram lutando, se sacrificaram para salvar uns aos outros e conseguiram expulsar os invasores.

Todavia, Gastón continuou procurando a Fera e atirou nele quando encontrou. Bela apareceu para defendê-lo, mas este já estava ferido. Ao ouvir a voz dela, percebendo que ela voltara por ele, a Fera encontrou forças para persistir.

Acertado por outros dois tiros, a Fera começou a desfalecer nos braços de Bela.

- Você voltou...
- É claro que eu voltei, eu nunca mais vou te deixar.
- Eu acho que é a minha vez de ir...
- Estamos juntos agora, vai ficar bem.
- Eu consegui te ver... Eu consegui...

E então, a última pétala da rosa caiu...



Pétala caindo - *Frame do filme A Bela e a Fera*



Fera morta no chão - *Frame do filme A Bela e a Fera*

Os objetos foram um a um perdendo suas vidas.

Enquanto Bela chorava, a feiticeira apareceu, que era a aldeã mendiga que salvou o pai. Bela, sem vê-la, disse à Fera que a amava e a beijou. A feiticeira estendeu a mão para a rosa e as pétalas começaram a envolver a Fera. Campbell (1949) afirma que o herói conta com um auxílio sobrenatural, este foi o de Bela, a feiticeira e os objetos deixados por ela que a Fera lhe apresentou. E os próprios amigos enfeitados. Foram eles que fizeram, inclusive, o papel de figura protetora.



Fera sendo transformada - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*



O beijo da Bela e o príncipe - *Frame* do filme *A Bela e a Fera*

De volta à forma de príncipe, eles se beijaram. O sol raiou. E toda a maldição foi quebrada. A vizinhança voltou a se lembrar do castelo e festejam sua alegria com um baile. Assim, estava concluída sua jornada, sendo a quebra da maldição sua Benção Última (CAMPBELL).

A razão de Bela ter ido até a Fera foi seu amor pelo pai. Esse amor, no entanto, amadurece, modificando o objeto principal, que, agora, passa a ser a Fera. “O afeto e a devoção da heroína é que transformam a Fera” (BETTELHEIM, 2002), apenas o amor verdadeiro é capaz de quebrar o encanto. Para amar inteiramente, segundo Bettelheim,

era necessário que as ligações com o pai fossem transferidas e se concretizassem em um amor maduro por um companheiro de idade compatível.

Essa fase de amadurecimento pode ser compreendida como o que Campbell (1949) reconhece como “o despertar do eu”. Mesmo correndo riscos, ela não deixou de enfrentar as dificuldades por quem amava. No meio dos conflitos, da saudade do pai, ela não perdeu sua essência. Ela era bondosa, simples e valorizava o interior mais do que a aparência. Enxergava virtudes acima da beleza física e não retribuía o mal quando lhe faziam.

Existe o amor entre um homem e uma mulher, mas o amor verdadeiro não está restrito a isso. O amor precisa ser a motivação de todas as nossas atitudes, independente de pra quem seja dirigido. O enredo revela que o amor pode transformar pessoas e o que realmente importa é o caráter, e não a aparência, pois o feitiço é quebrado e a Fera volta a ser o príncipe que Bela lia em seus livros. (AGUIAR E BARROS, 2015). Bela nos faz lembrar que a beleza é mais do que o que nossos olhos podem ver e que é preciso ter o amor como motivador das ações, além de lutar por nós e pelos nossos entes.

Quanto à fase em que muitas vezes o herói recusa seu chamado, para Bela, salvar seu pai não era algo negociável. Quanto a transformar a Fera pelo amor verdadeiro, até que ela o amasse de verdade, ela não soube que esse poder estava em suas mãos, então, sua fuga do castelo não poderia ser considerada como uma recusa.

O caminho de provas de Bela deu-se início desde o momento em que ela decide seguir rumo ao castelo em busca de seu pai. Chegar a um lugar desconhecido e se entregar como prisioneira no lugar do pai. Eis seu passo de coragem. Podemos considerar como provas também os primeiros contatos entre Bela e Fera, em que ele a tratou de forma ríspida por não saber como fazê-lo. Todavia, Bela também precisou enfrentar as pessoas de sua aldeia para salvar seu pai e enfrentar Gastón enquanto este lutava contra a Fera. Quando a Fera desfalece em seus braços, seu amor é colocado à prova e a veracidade do sentimento é reafirmada naquela cena.

O enredo traz a mensagem de que as pessoas podem ser salvas por quem as ama e é isso que faz de Bela uma heroína. Ela renuncia a seu próprio conforto ao ver alguém que ama correndo perigo e por quem ela era, pelos valores que carregava que faziam com que visse beleza na Fera além da aparência, é que ela pôde salvar a ele e a todos do castelo da morte. Trata-se de uma protagonista que escolhe pelo amor romântico, mesmo não se sentindo coagida a isso e, além disso, rompe com o ideal de padrão de beleza.